

John Steinbeck

A PÉROLA

tradução de
Clarisse Tavares

LIVROS DO BRASIL

Na cidade contam a história da grande pérola — como foi encontrada e como se perdeu. Contam a história de Kino, o pescador, da sua mulher, Juana, e do seu filho, Coyotito. E tantas vezes a história foi contada que acabou por se enraizar na mente de cada um. E, como sucede com todas as histórias muitas vezes contadas que o povo guarda no coração, só contém coisas boas e más, coisas a preto e a branco, generosas e perversas, sem tonalidades intermédias.

Se considerarmos esta história como uma parábola, talvez seja possível extrairmos dela uma moral e descobrirmos nela a própria vida. Seja como for, contam na cidade que...

CAPÍTULO 1

Estava prestes a amanhecer quando Kino acordou. As estrelas ainda brilhavam e o dia espalhava apenas uma desbotada claridade no horizonte, para as bandas do Oriente. Os galos tinham começado a cantar havia algum tempo e os porcos mais madrugadores já tinham principiado a foçar incessantemente entre os ramos partidos e os pedaços de madeira, na esperança de encontrar algum pedaço de comida esquecido. Perto da cabana, sobre as figueiras-bravas, chilreava e esvoaçava um bando de pássaros.

Kino abriu os olhos e, depois de olhar para o retângulo luminoso que era a porta, voltou-os para o caixote suspenso onde Coyotito dormia. Finalmente voltou a cabeça para Juana, a sua mulher, deitada na esteira, ao seu lado, com o nariz, os seios e os rins cobertos com o seu xaile azul. Os olhos de Juana também estavam abertos. Kino não se recordava de alguma vez os ter visto fechados, ao acordar. As estrelas pareciam refletir-se nos seus olhos escuros. Estava a olhar para ele, como sempre fazia quando ele acordava.

Kino ouviu o rebentar sereno das ondas matinais na praia. Gostava de o ouvir — Kino fechou os olhos de novo para escutar a sua música. Talvez mais ninguém o fizesse ou talvez toda a sua gente tivesse feito o mesmo. O seu povo tinha sido outrora grande cultor de canções, de tal modo que tudo o que via ou pensava, ou fazia e ouvia, se transformava numa canção. Mas isso já tinha sucedido havia muito tempo. No entanto, as canções tinham permanecido. Kino conhecia-as, mas nunca mais tinha havido canções novas. Isso não queria dizer que não houvesse canções pessoais. Naquele momento, por exemplo, havia uma canção nova, pura e doce, na cabeça de Kino, e, se soubesse falar dela, ter-lhe-ia chamado *Canção da Família*.

Tinha o nariz tapado com a manta para se proteger da humidade. Voltou os olhos ao ouvir um movimento ao seu lado. Era Juana a levantar-se, quase silenciosamente. Pisando o chão com os pés descalços e ca-lejados, dirigiu-se ao caixote suspenso onde Coyotito dormia, inclinou-se sobre ele e disse uma palavra de ternura. Coyotito abriu os olhos por um momento, depois fechou-os de novo e voltou a adormecer.

Juana dirigiu-se ao lugar da fogueira, desenterrou uma brasa e começou a abaná-la para a reacender, enquanto quebrava pequenos gravetos sobre ela.

Então Kino levantou-se, envolvendo a cabeça, o nariz e os ombros com a manta. Enfiou os pés nas sandálias e saiu da cabana para ver nas-cer o dia.

Acocorou-se diante da porta e cobriu os joelhos com as pontas da manta. Viu os farrapos de nuvens do golfo incendiarem-se nas alturas. Uma cabra aproximou-se dele, cheirou-o e ficou a olhá-lo com os seus frios olhos amarelos. Lá dentro brotaram chamas da fogueira de Juana, projetando lanças de luz através das fendas das paredes da cabana feita de ramos e desenhando um trémulo retângulo de luz na porta. Uma borboleta noturna, já atrasada, invadiu o espaço a voar, em busca do fogo. A *Canção da Família* soava agora nas costas de Kino. E o ritmo da canção da família era o da mó com que Juana moía o milho para os bolos da manhã.

A alvorada avançava agora rapidamente: uma luz, pálida, um brilho, uma luminosidade, e depois uma explosão de luz, quando o Sol irrompeu do golfo. Kino baixou os olhos para os proteger do clarão. Ouvia Juana bater os bolos de milho e sentia o seu cheiro agradável sobre a placa de metal. As formigas atarefavam-se no terreno, umas grandes e negras, com corpos lustrosos, outras pequenas e rápidas, cobertas de terra. Kino, com a indiferença de Deus, observou uma delas, coberta de terra, a tentar freneticamente fugir da armadilha de areia que uma formiga-leão lhe preparara. Um cão magro e tímido aproximou-se e a uma palavra amiga de Kino enroscou-se, ajeitando a cauda cuidadosamente sobre as patas, pousando o focinho delicadamente sobre ele. Era um cão

preto com manchas de um amarelo-dourado nas sobranceiras. Era uma manha igual a todas as manhas, mas parecia-lhe a mais bela de todas.

Kino ouviu o ranger da corda quando Juana retirou Coyotito do caixote suspenso, lavou-o e embrulhou-o no seu xaile, atando-o bem aconchegado ao peito. Kino podia ver todas estas coisas sem olhar para ela. Juana cantarolava uma canção antiga, que tinha apenas três notas mas uma infinita variedade de intervalos. E aquilo também fazia parte da *Canção da Família*. Tudo fazia parte dela. Por vezes crescia num tom que fazia doer e lhe embargava a garganta, dizendo-lhe que aquilo era segurança, aquilo era calor, aquilo era tudo.

Do outro lado da cerca de mato havia mais cabanas e também delas saía fumo e sons de pequeno-almoço, mas eram outras canções, os porcos deles eram outros porcos, as mulheres deles não eram Juana. Kino era jovem e forte e os seus cabelos negros caíam-lhe sobre a testa morena. Tinha uns olhos quentes, ferozes e brilhantes e um bigode fino e áspero. Destapou o nariz, porque o ar venenoso da noite já se dissipara e a luz amarela do Sol caía sobre a casa. Perto da cerca, dois galos baixavam as cabeças e desafiavam-se, com as asas abertas e as penas do pescoço eriçadas. Seria uma luta sem graça. Não eram galos de combate. Kino observou-os por um momento e depois ergueu os olhos para os pombos selvagens que voltavam para terra, voando em direção aos montes. O mundo acordara finalmente; Kino pôs-se de pé e voltou para a cabana.

Quando ele entrou, Juana, que estava inclinada sobre o lume, levantou-se. Voltou a colocar Coyotito no caixote suspenso e depois penteou os seus cabelos negros e fez duas tranças, que atou com fitilho verde. Kino acorreu-se junto do fogo, enrolou um bolo de milho quente, mergulhou-o no molho e comeu-o. Bebeu um pouco de *pulque* e deu o pequeno-almoço por terminado. Era o único tipo de pequeno-almoço que conhecia, exceto nos dias festivos e numa *fiesta* incrível em que comera tantos bolos que ia rebentando. Quando Kino terminou, Juana voltou para junto do fogo e tomou o seu pequeno-almoço. Em tempos tinham conversado, mas agora não havia necessidade de falarem e isso

era apenas um hábito, de qualquer forma. Kino suspirou de satisfação — isso também era conversar.

O Sol estava a aquecer a cabana, penetrando através das fendas em longos raios. E um dos raios caiu sobre o caixote suspenso onde Coyotito dormia e sobre as cordas que o seguravam.

Foi um movimento quase impercetível, mas atraiu os olhares de ambos para o caixote suspenso. Kino e Juana ficaram petrificados. Pela corda que suspendia o caixote do bebé do teto da cabana descia lentamente um escorpião. Tinha a cauda erguida, mas poderia cravá-la numa fração de segundo.

A respiração de Kino silvava nas suas narinas e teve de abrir a boca para o evitar. E então o olhar assustado e a rigidez do corpo desapareceram. Na sua cabeça uma nova canção, a *Canção do Mal*, a música do inimigo, de qualquer inimigo da família; era uma melodia selvagem, secreta, perigosa, e, por baixo dela, a *Canção da Família* gemia dolorosamente.

O escorpião movia-se cuidadosamente pela corda, descendo em direção ao caixote. Juana repetiu interiormente um antigo esconjuro que protegia de todo o mal, murmurando simultaneamente uma ave-maria entre os dentes cerrados. Mas Kino já estava em movimento. O seu corpo deslizou silenciosa e suavemente pela casa. Tinha as mãos estendidas para a frente, com as palmas voltadas para baixo e os olhos postos no escorpião. Dentro do seu caixote, Coyotito ria-se e estendia a mão para o animal. Este pressentiu o perigo quando estava quase ao alcance de Kino. Parou e a cauda curvou-se sobre as costas, em pequenos estícos, fazendo brilhar o espigão recurvado na ponta da cauda.

Kino ficou perfeitamente imóvel. Ouvia Juana a murmurar de novo o antigo esconjuro e escutava a música maléfica do inimigo. Não se podia mover sem que o escorpião se mexesse e este procurava a causa da morte que se aproximava. A mão de Kino avançou muito lentamente, muito cuidadosamente. A cauda curvada retesou-se subitamente. E, nesse momento, Coyotito, a rir, agitou a corda e o escorpião caiu.

Kino estendeu a mão para o agarrar, mas o animal escapou-se-lhe por entre os dedos, caiu sobre o ombro da criança, fincou-se e picou-o.

Rosnando, Kino agarrou-o e esmagou-o entre as mãos. Atirou-o ao chão e martelou-o com o punho sobre a terra, enquanto Coyotito chorava de dor no seu caixote. Mas Kino continuou a martelar e a pisar o inimigo até ele não passar de um fragmento e de um ponto húmido no chão. Tinha os dentes arreganhados e os olhos brilhantes de raiva e a *Canção do Inimigo* rugia nos seus ouvidos.

Mas Juana já tinha pegado no bebé. Descobriu a picada, cujos rebordos já começavam a ficar avermelhados. Pousou os lábios sobre a picada e sugou com força, cuspidando o sangue e voltando a sugar, enquanto Coyotito berrava.

Kino ficou parado; sentia-se impotente, sentia-se um estorvo.

Os gritos do bebé atraíram os vizinhos. Começaram a sair das suas cabanas — o irmão de Kino, Juan Tomás, a sua gorda mulher, Apolónia, e os seus quatro filhos juntaram-se à porta, bloqueando a entrada, enquanto outros espreitavam por trás deles e um rapazinho furava por entre as pernas dos outros, tentando ver o que se passava. Os que estavam à frente passaram a palavra aos que estavam atrás.

— Escorpião. O menino foi picado.

Juana parou de sugar a picada por um momento. O pequeno orifício tinha-se alargado ligeiramente e os seus rebordos estavam esbranquiçados por causa da sucção, mas o inchaço avermelhado já se estendera além dele, formando um duro alto linfático. Todas aquelas pessoas conheciam os escorpiões. Um adulto poderia ficar muito doente se fosse picado, mas o veneno poderia facilmente matar uma criança. Eles sabiam que primeiro viria o inchaço, a febre e a sufocação, depois espasmos no estômago e finalmente Coyotito poderia morrer, se tivesse absorvido veneno suficiente. Mas a dor da picada estava a desaparecer. Os gritos de Coyotito transformaram-se em gemidos.

Kino pensara muitas vezes na força férrea da sua paciente e frágil mulher. Ela, que era obediente e respeitosa, alegre e submissa, tinha arqueado o corpo, com as dores do parto, sem soltar um grito. Aguentava a fadiga e a fome quase melhor do que o próprio Kino. Na canoa, trabalhava como um homem forte. E, naquele momento, saiu-se com uma ideia inesperada.